



REVISTA CIENTÍFICA

MATERNIDADE, INFÂNCIA E GINECOLOGIA

VOLUME 19 - NÚMERO 1- JANEIRO/ JUNHO 2010

Publicação Oficial da Assessoria de Ensino e Pesquisa do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas - HMIPV

SUMÁRIO

PALAVRA DA DIREÇÃO - Maria Isabel de Bittencourt.....	6
EDITORIAL - Carlos Zaslavsky.....	7
HISTÓRIA DO HMIPV	
Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (HMIPV): 1975/ 2011- Jorge Hauschild..	9
COMENTÁRIOS	
1. Publicação científica: quem deve escrever e quem deve ler? Dr. Danilo Blank..	14
ARTIGOS ORIGINAIS	
1. Doenças sexualmente transmissíveis: incidência em mulheres de um Centro de Especialidade em 2009 - Juliana Talita de Goes, Daniele Maieron, Fernanda Silveira Fortes, Leandro Luiz Assmann.....	21
2. Perfil epidemiológico dos pacientes que realizaram videofluoroscopia no HMIPV em 2009 – Fga. Patrícia Barcellos Diniz, Cláudia Marcuzzo, Luciana Sá Carneiro, Sâmara Fávero, Thayse Goetze	37
ARTIGO DE REVISÃO	
1. Monitorização do crescimento do lactente nascido a termo: uma atualização - Danilo Blank, Marcelo Zubaran Goldani	54
RELATO DE CASO	
2. Lesão perineal obstétrica de 3º 4º grau: um relato de caso. Sérgio Flávio Munhoz de Camargo, Bianca Zardo, Mariana Barth de Barth.....	98
ENSINO E PESQUISA NO HMIPV	
Educação: a oportunidade de transformação - Deise Maria Ramos Cunha	107
INSTRUÇÕES AOS AUTORES	116

Publicação Científica: Quem deve escrever e quem deve ler?

Scientific Publication: Who should write and who should read?

Danilo Blank¹

¹Preceptor do Ambulatório de Pediatria do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas

De volta à ativa – auspiciosamente, já veremos por quê –, a Revista Científica do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas me pede que responda à pergunta do título; que eu entendo, por senso e comedimento, querer referir-se a este mesmo periódico ou, no máximo, às coisas médicas.

A segunda parte da pergunta é certamente a mais importante, porque, sem contar que a quantidade dos que lêem é evidentemente (ou deveria ser) muitíssimo maior, são eles que fazem (ou deveriam fazer) a saúde acontecer; enquanto os poucos que escrevem quase sempre o fazem bem e pelo bem.

Parar para pensar em quem deve ler remeteu-me na hora ao slogan da MedPage Today – publicação online co-editada pelo renomado George Lundberg, experto em comunicação médica, que foi por 17 anos o editor-chefe do prestigioso JAMA (Journal of the American Medical Association) –, um portal de informações que se apresenta como “o único serviço para médicos que fornece uma perspectiva clínica das últimas notícias médicas que os seus pacientes estão lendo”: At MedPage Today, we are putting breaking medical news into practice®¹. Nos dias de hoje, de franco acesso ao conhecimento de todo tipo, inclusive especializado, nada poderia ser mais verdadeiro: qualquer tema médico que uma revista científica de respeito – como o Lancet ou o New England Journal of Medicine – publique de manhã, a Fátima

Bernardes anuncia à noite e os pacientes acessam na Internet na manhã seguinte. E mais: isso ocorre talvez com mais relevância com os trabalhos incluídos na rubrica online first, postados na grande rede e expostos ao imenso tribunal da chamada revisão pós-publicação, frequentemente vários meses antes da data oficial da publicação². Aos profissionais de saúde resta não só incorporar esses conhecimentos à sua prática com presteza similar, mas com a responsabilidade adicional do discernimento habilitado, sob pena de ser tachado de imperito ou negligente.

Bem a propósito, numa segunda-feira dessas, me aparece no ambulatório uma menina de cinco anos, cuja mãe contava a seguinte história:

– A Júlia estava se queixando de dor de ouvido desde a madrugada de anteontem e eu, que já tinha lido na versão traduzida do Crianças Saudáveis e até no site de vocês* que não se dá antibiótico de cara nesses casos para uma criança da idade dela, ainda por cima sabendo que nas emergências eles só prescrevem amoxicilina, resolvi aguardar um tempo. Só que ontem a dor continuou e eu resolvi levar ela no pronto atendimento. Não deu outra: a médica disse que o tímpano estava vermelho e receitou antibiótico, só que em vez da famigerada amoxicilina ela deu azitromicina. Resultado: insegura, fiquei só no paracetamol e resolvi esperar a consulta. Hoje a Júlia está um pouco melhor. Agi certo ou errado?

Ao exame, como a Júlia se queixasse de pouca dor, ainda que à otoscopia os dois tímpanos estivessem vermelhos, com diminuição da transparência e discretamente abaulados (tratava-se definitivamente de otite média aguda), à luz do

conhecimento atual⁵, fui obrigado a reconhecer que a mãe tivera mais juízo do que a médica, ao que ela redarguiu:

– Mas será que não se escrevem as coisas certas nas revistas de médico ou os médicos é que não dão bola e não leem?

A conclusão da paciente, ainda que um tanto caricatural, põe o dedo na ferida de todos nós médicos e demais profissionais de saúde. Sob tal perspectiva, responder à segunda parte da questão inicial fica muito fácil: todo mundo! Levando em conta que a nossa revista se propõe dar à vista não apenas protocolos e casos clínicos de alcance (só supostamente) paroquial, mas sobretudo trabalhos de revisão com fins educativos, é evidente que lê-la interessa a quem quer que se preocupe com a saúde; e saúde – individual ou coletiva – é responsabilidade de todo mundo. Responsabilidade essencial de todo cidadão, cada vez mais chamado a contribuir com hábitos de vida saudáveis ao bem estar comunitário, mas principalmente do profissional de saúde, comprometido por ética de ofício com o apuro técnico incessante e à justeza de condutas. No caso específico dos médicos, supõe-se que tal responsabilidade seja mais premente entre profissionais em formação, alunos de graduação e residentes, mas sem esquecer de que ao longo dos anos de prática a inércia e a onipotência conspiram contra o bom senso da educação permanente e o juízo crítico.

* A paciente se referia – depois ela me explicou – à tradução automática obtida por meio do Google Tradutor da página “Get Smart About Antibiotics”, do site “Healthy

Children”³ e a um artigo sobre otite média para a realidade brasileira, publicado pelo SBP Ciência, da nossa Sociedade Brasileira de Pediatria ⁴.

Em tempo: é oportuno lembrar que publicações médicas veiculadas exclusivamente por meio de impressão em papel tendem a restringir muito a sua abrangência e visibilidade, uma vez que há documentação de que o acesso livre via internet de textos acadêmicos aumenta a distribuição do conhecimento, particularmente abaixo do Equador⁶. Por isso, quando o editor da Revista do HMIPV, Carlos Zaslavsky, comentou acerca da sua reativação, dei-lhe a minha opinião de que ela deveria ter uma versão online (e preferencialmente só a versão online), justamente em vista da acessibilidade, mas também pelos aspectos operacionais e econômicos. Quanto a ter sido uma novidade auspiciosa, além de valorizar a instituição, sem dúvida estimulará o seu corpo clínico a expor suas experiências, estudos e ideias. O que nos traz de volta à questão de quem deve escrever.

Letícia Wierchowski apontou em recente crônica⁷, as mais variadas motivações, das poéticas às práticas, que levam ficcionistas de todas origens a criar e registrar histórias: vocação, prazer da leitura, medo do passado ou do futuro, timidez, compulsão e – é claro – dinheiro. As três que mais se aplicam aos escrevedores da área médica, porque apontam indiretamente quem deve escrever, são as de Umberto Eco (“porque eu gosto”), Gustave Flaubert (“escrever é uma maneira de viver”) e, principalmente, Use Lahoz (“escrevo porque aprendo”). A cronista arremata ponderando que se alguns escrevem, outros tantos leem, todos unidos, afinal de contas, pelo fio invisível do verbo. No caso da escrita médica científica, o essencial é gostar de aprender e de dividir o conhecimento.

Mais pragmático, Richard Smith, grande polemista da comunicação médica, ex-editor do *British Medical Journal*, formulou um decálogo de quem deve escrever, pensando especificamente nas revistas médicas⁸. Assim, escreve quem tem algo importante a dizer, quer mudar a prática, promover o pensamento, o debate ou simplesmente divulgar o seu trabalho. Escreve quem tenta educar, divertir ou apenas consolar. Escreve, por fim, quem quer avançar na carreira, ganhar dinheiro ou tão somente ganhar fama e mulheres bonitas. Tais motivações se aplicam de alguma forma a cada um de nós e não exigem nenhum dom especial, apenas um pouco de interesse, prática e disposição.

Além disso, vale sempre sublinhar que deve escrever sobre saúde quem tem capacidade de transmitir ideias com clareza e concisão, mas sobretudo com um tom incisivo. Pat Skerrett, editor da *Harvard Heart Letter*, recentemente enfatizou esses aspectos, lembrando que o estilo usualmente denso e impenetrável da escrita médica serve mais para sugerir profundidade científica do que para comunicar efetivamente experiências e que o leitor – seja clínico, pesquisador ou gente comum querendo saber sobre uma doença ou meios de se manter saudável – merece uma linguagem mais direta⁹. De novo, basta associar um senso mínimo de comunidade com um pouco de tempo para crescer e socializar o crescimento com método.

Referências bibliográficas:

1. MedPage Today and The University of Pennsylvania School of Medicine, Office of Continuing Medical Education. About MedPage Today [Internet]. Philadelphia: Everyday

Health, Inc; 2011. Acesso: 06/02/2011; [2 telas]. Disponível em: <http://www.medpagetoday.com/About/>.

2. Gøtzsche PC, Delamothe T, Godlee F, Lundh A. Adequacy of authors' replies to criticism raised in electronic letters to the editor: cohort study. *BMJ*. 2010;341:c3926. Disponível em: <http://www.bmj.com/content/341/bmj.c3926.full.pdf>

3. American Academy of Pediatrics. Get Smart About Antibiotics [Internet]. Elk Grove Village, IL: American Academy of Pediatrics; 2010. Acesso: 06/02/2011. Disponível em: <http://www.healthychildren.org/English/news/Pages/Get-Smart-About-Antibiotics.aspx>.

4. Saffer M, Neto JFL, Ramos BD, Montovani JC, Nóbrega Md, Alcântara LJL, et al. Otite Média Aguda: Diagnóstico e Tratamento Propostos para a Realidade Brasileira SBP Ciência [Internet]. Rio de Janeiro, Brasil: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2010. Acesso: 06/02/2011. Disponível em: http://www.sbp.com.br/sbpciencia/show_item.cfm?id_categoria=5&id_detalhe=483&tipo=D.

5. Klein JO. Is Acute Otitis Media a Treatable Disease? *N Engl J Med*. 2011;364(2):168-9. Disponível em: <http://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMe1009121>.

6. Evans JA, Reimer J. Open Access and Global Participation in Science. *Science*. 2009 February 20, 2009;323(5917):1025. Disponível em: <http://www.sciencemag.org/content/323/5917/1025.full.pdf>;

7. Wierzchowski L. Por que se escreve? Zero Hora. 03/02/2011;16587(Segundo Caderno):6(col3).

8. Smith R. The inside view on writing for medical journals [Internet]. London: British Medical Journal; 2001. Acesso: 07/02/2011. Disponível em: <http://resources.bmj.com/files/talks/wjournal.ppt>.

9. Skerrett PJ. Medical journals: Stop being so passive. [Internet]. Harvard Health Blog; Boston: Harvard Health Publications; 2010 14/10/2010. Acesso: 07/02/2011. Disponível em: <http://www.health.harvard.edu/blog/medical-journals-stop-being-so-passive/>.